

# Cemig lucrou R\$ 1,7 bi em 2006

Enquanto Cemig distribui 80,4% dos lucros para os acionistas, eletricitários recebem PR menor

Sem a receita extra de 2005, de R\$ 591 milhões, referente à contabilização do reajuste tarifário de anos anteriores, o lucro líquido da Cemig em 2006 foi de R\$ 1,71 bilhão, 14,2% menor do que o registrado no ano anterior. No entanto, uma análise mais profunda do balanço mostra que a Companhia teve um lucro excepcional. Se excluído o impacto contábil da receita extraordinária de 2005, a Cemig registrou, em

2006, um aumento da sua lucratividade o que comprova a sustentabilidade financeira da empresa.

O balanço que a Cemig apresentou à Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), na semana passada, confirma o seu bom desempenho em 2006, com a valorização em 19,5% da suas ações, média acima do mercado e principalmente do setor elétrico. A receita operacional líquida da Cemig alcançou R\$

9,68 bilhões, com alta de 17,5% sobre 2005, e o lucro antes de despesas financeiras, impostos, depreciação e amortizações somou R\$ 3,01 bilhões em 2006, um avanço de 7,6% em relação ao ano anterior (R\$ 2,79 bilhões).

Na avaliação do economista da subseção do Dieese, Fernando Duarte, não resta dúvida de que do ponto de vista financeiro o resultado obtido é excelente. Ele destaca, no en-

tanto, que a sociedade só reconhecerá a importância deste resultado quando ele se traduzir em investimentos na melhoria e na ampliação de serviços e em iniciativas para a redução de tarifas.

Para a direção do Sindieletró é preocupante a decisão da direção da Companhia de distribuir 80,4% dos dividendos para os acionistas. Até 2003, o repasse para acionistas era de,

no mínimo, 25% do lucro líquido. Em 2004, o governo Aécio Neves mudou o Estatuto da Cemig passando a distribuir, no mínimo, 50% do lucro. Com isso a empresa passou a transferir, para a iniciativa privada, o dinheiro que poderia ser investido na melhoria dos serviços ou em políticas tarifárias sociais que beneficiariam a população. Em 2005 foram repassados 103% do lucro para acionistas.

## Bilhões para acionistas e PR menor para trabalhador

Enquanto acionistas levaram a maior parte do lucro da Cemig, os eletricitários receberam uma PR menor do que a do ano passado. Isso porque a Participação nos Resultados é calculada com base no Resultado Operacional da Cemig (ROC), que em 2006 foi 5,5% menor do que em 2005, totalizando R\$ 2.146.892.000,00. Como a reivindicação da categoria de aumentar o percentual do ROC distribuído para 6% não foi atendida pela direção da Cemig e nem foi fixado valor mínimo a ser pago sobre o montante de 2005, muitos eletricitários ficaram desapontados com o valor da PR a ser paga sobre o montante de R\$ 64.406.760,00, equivalente a 3% do ROC.

A reivindicação da direção do Sindieletró é pela igualdade no tratamento entre acionistas e trabalhadores, com alterações no ACT para aumentar o percentual distribuído para os eletricitários, como foi feito no Estatuto para dobrar os dividendos dos acionistas. Para o coordenador-geral do Sindieletró, Wilian Vagner, o trabalhador até entende o "sobe e desce" da PR, já que a natureza desta remuneração é variável mesmo, mas não aceita a injustiça da política de distri-

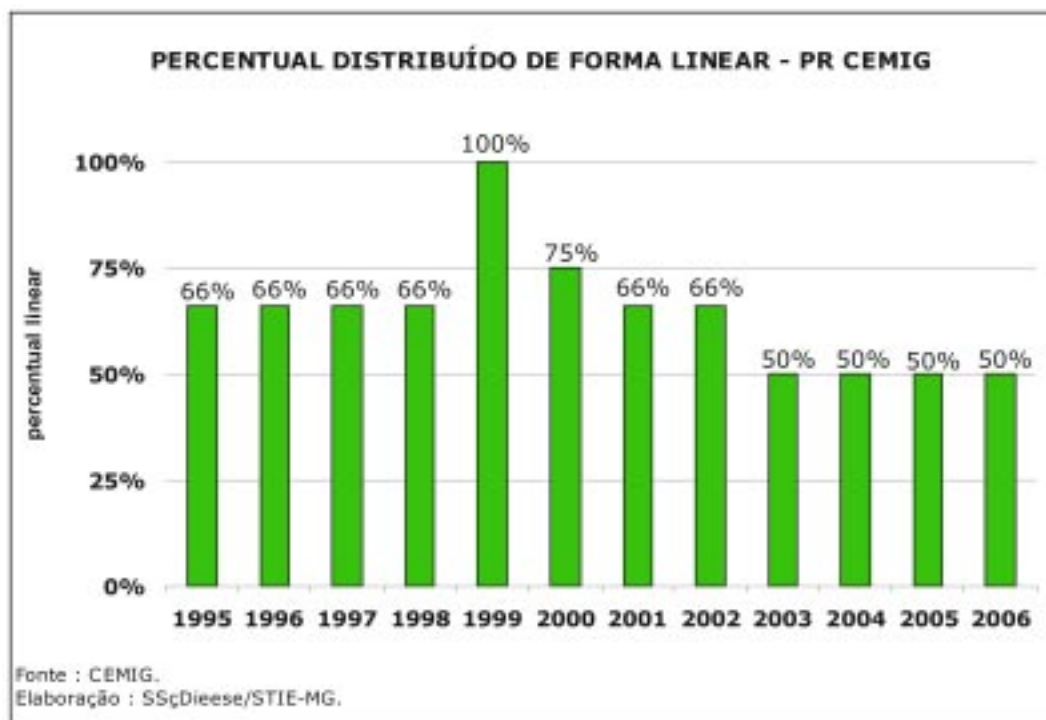
buição de lucros da empresa.

De 2000 a 2004 a PR paga aos eletricitários representava 16% do montante do lucro dividido para acionistas, este ano não passará de 4% dos dividendos dos investidores. "Não entra na cabeça do trabalhador o fato dele receber proporcionalmente três a quatro vezes menos que o acionista. Por isso o aumento do ROC e a PR 100% line-

ar são lutas essenciais e permanentes para os eletricitários", avalia Wilian Vagner.

### 100% linear

Os eletricitários conquistaram a Participação nos Resultados 100% linear em 1999, após grande mobilização, com paralisação. De 1995 a 1998 a PR foi 66% linear. Em 2000 foi 75% linear. Nos dois anos se-



Queda da linearidade da PR vem prejudicando trabalhadores que recebem menores salários

trabalhadores e beneficiando apenas os gerentes e superintendentes, que já recebem altos salários o ano inteiro", avalia.

### Patrimônio em expansão

Além de boa lucratividade, e de estar no Índice Dow Jones pela sétima vez consecutiva, a direção da Cemig comemora a ampliação do patrimônio da empresa. Em 2006, a Cemig adquiriu participações em cinco empresas transmissoras de energia, com 2,2 mil quilômetros de linhas no país. O destaque foi a compra da participação no controle na Light, empresa de distribuição de energia do Rio de Janeiro, com quatro milhões de consumidores.

A Companhia também expandiu a geração em 410 megawatts, com a conclusão das obras de Capim Branco I e de Irapé e anuncia a compra futura de novas usinas e linhas de transmissão fora de Minas. No exterior, a empresa dá o primeiro passo ao constituir uma linha de transmissão no Chile. O cenário não poderia ser mais favorável para a direção da Cemig construir uma política de diálogo e de valorização dos eletricitários que garantem a qualidade da energia produzida pela estatal.

# Sindicato forte se constrói com união e contribuição da categoria

Desde o final dos anos 80, o Sindieleto defende o princípio de que a organização dos trabalhadores e trabalhadoras só se torna forte e combativa a partir da união e da livre contribuição da categoria. Por discordar da imposição da lei de Getúlio Vargas que criou o imposto sindical obrigatório para todos os trabalhadores, independente de ser associado ou não, o Sindieleto abriu mão do desconto autoritário e passou a devolver o Imposto Sindical pa-

ra todos os eletricitários.

A direção do Sindieleto prefere que a entidade seja mantida democraticamente pela contribuição voluntária e legítima dos trabalhadores que entendem a importância do seu sindicato. Na Campanha Salarial de 2006 a direção do Sindieleto discutiu com a categoria a proposta de desconto de uma taxa de fortalecimento sindical extraordinária, cobrada uma única vez, equivalente a 1% sobre a PR

2006 dos associados.

A taxa foi proposta para compensar os prejuízos provocados por anos seguidos da política de abonos da Cemig, sem desconto a favor do sindicato sobre estes valores. Tal política da empresa ameaçava enfraquecer as lutas de uma das categorias mais organizadas do país já que, enquanto as demandas pela defesa dos interesses dos trabalhadores só têm aumentado, as receitas do sindicato dos eletricitários vêm sofrendo quedas sucessivas.

Após debate, a taxa de fortalecimento sindical foi aprovada em assembléias pela categoria e passou a fazer parte do ACT 2006/2007.

## Ampliação da estrutura para atender as demandas

O coordenador da Regional Metalúrgica do Sindieleto, Leonardo Timóteo, destaca que, para contrapor os ataques da Cemig aos direitos dos trabalhadores nos últimos anos, o sindicato precisa, cada vez mais, aumentar a sua capacidade de atendimento e de formação. Leonardo explica que a ampliação da estrutura é necessária para enfrentar desafios gigantes como o aumento estrondoso dos acidentes de trabalho, a redução do quadro de pessoal, a terceirização indiscriminada, escala irregular de trabalho e o aumento do assédio moral. “Isso sem falar nas

demandas que envolvem Forluz, aposentados e trabalhadores terceirizados”, destaca.

Para o coordenador do Sindieleto na Regional Metalúrgica, são os eletricitários que mais ganham com a nova estrutura e capacidade de mobilização da entidade. “Um sindicato forte é construído com a participação e livre contribuição dos trabalhadores. Este é um princípio cutista que sempre defendemos. Nossa categoria tem consciência disso, e se hoje temos um Sindieleto forte e de referência para o movimento sindical do país é graças ao envolvimento e a participação dos eletricitários”, ressalta Leonardo Timóteo.

## FALA TRABALHADOR

Você acha que o trabalhador deve investir na estrutura do seu sindicato?

Fotos: Benedito Maia



Já trabalhei em empresas pequenas, médias e em uma multinacional, mas foi na Cemig que presenciei o

valor do sindicato no equilíbrio de poder entre trabalhador e empresa. Através dessa luta, tivemos várias conquistas, especialmente as financeiras, que, por si só, justificam a taxa de fortalecimento sindical proposta. Assim, quando contribuimos com o sindicato estamos investindo em nosso próprio futuro. À medida que a Cemig cresce, o sindicato também precisa crescer, investir em informação, assessoria e pesquisa, para subsidiar o fechamento de acordos coletivos cada vez melhores para toda a categoria. O Sindieleto já cumpre seu papel na defesa dos interesses dos trabalhadores, mas queremos que esteja cada vez mais preparado para a discussão profissional e concreta dos conflitos.

**Elcio Barbieri Silva, Técnico Manutenção Mecânica – GT/LS – CI/Q14**



É importante contribuir para fortalecer o sindicato, que sempre nos apoiou

nas lutas e vai continuar apoiando. Precisei de ajuda e o sindicato me deu muita força. Nossos direitos foram ampliados através do esforço do sindicato. A PR existe porque o sindicato lutou muito para a empresa dividir os lucros com os trabalhadores. Além disso, tentaram privatizar a Cemig e o transporte também, mas a luta do sindicato impediu que milhares de pessoas perdessem o emprego. As condições de saúde e segurança também melhoraram. Se o sindicato não corre atrás, todo mundo se acomoda e as coisas ficam piores para nós. Jamais serei contra o sindicato, porque ele está do lado do trabalhador.

**Sebastião Pinheiro da Silva, Soldador – GE/CT – CI/Q10**

## Violência contra mulheres e participação feminina em debate na Vale do Aço



### Na agenda da CUT

Marcos Túlio apresentou os eixos da atuação da Central em relação à questão de gênero, focando a violência contra a mulher, a igualdade de salários e a participação feminina nas instâncias de poder. Ele anunciou para as próximas semanas a criação do Coletivo de Mulheres da CUT no Vale do Aço, destacando a importância do engajamento de trabalhadoras e trabalhadores no debate sobre gênero para ampliar iniciativas de promoção de igualdade entre homens e mulheres.

O diretor destacou a existência de dois milhões de casos de violência doméstica e familiar por ano no Brasil, mas previu a redução a partir da Lei Maria da Penha, sancionada pelo Presidente Lula em agosto do ano passado. “A lei favorece as denúncias com a criação de Juizados Especiais de Violência Doméstica contra a mulher, prisão em flagrante e aumento da pena para o agressor o que aumenta as esperanças, mas é pre-

ciso que a sociedade cobre a sua aplicação”, destacou.

### Discriminação no contracheque

Em relação à situação das mulheres no mercado de trabalho, Marcos Túlio apontou a desigualdade na remuneração em relação aos homens. Segundo estudos do Dieese, 32,5% das mulheres têm renda mensal de até um salário mínimo, ao mesmo tempo em que entre os homens a taxa é de 24,1%. Enquanto o rendimento médio dos homens ocupados em BH, em 2005, era de R\$ 926,00 o das mulheres era de R\$ 608,00.

O desemprego também afeta mais as mulheres belorizontinas (19,7%) do que os homens (14%). “Em contrapartida as mulheres brasileiras ocupam mais espaços em algumas esferas de poder”, avaliou. O representante do Sindieleto ressaltou que o número de deputadas na Câmara Federal aumentou de 32, em 1994, para 46 eleitas em 2006.

# Normas punitivas não vão reduzir os riscos de acidentes de trabalho

Falta de pessoal, excesso de horas extras e sobreaviso, estresse, redução de agências, centralização de serviços, pressão por produtividade, terceirizações, umplas, ausência de manutenção básica na rede, ameaças e ofensas. Estes e outros problemas nas relações de trabalho na Cemig nunca são levados em conta na hora em que a empresa estabelece normas de segurança. Os procedimentos técnicos são definidos de cima para baixo, com caráter meramente punitivo, e o resultado não poderia ser pior: 30 acidentes fatais de 2004 ao início de 2007 e a liderança no ranking de mortes de eletricitários no setor, segundo a Fundação Coge.

O mais recente exemplo de que os procedimentos técnicos da empresa transferem para o trabalhador a responsabilidade

pelos acidentes é a Norma de Distribuição 4.61, que trata dos critérios de Inspeção de Segurança para atividades em construção, operação e manutenção de redes aéreas. Na avaliação do coordenador da Regional Metalúrgica do Sindieletro, Leonardo Timóteo, a Norma agrava o caráter punitivo e retira a responsabilidade dos gerentes e superintendentes pelos acidentes registrados dentro da empresa.

Leonardo questiona a metodologia da ND. “*Todos os empregados foram treinados? Haverá tratamento diferenciado para o trabalhador que foi treinado e para o que não recebeu treinamento? Haverá impactos na futura avaliação de desempenho? A categoria participou com sugestões para a Norma?*”.

## No limite

Para o diretor de Saúde e Segurança, Jairo Nogueira Filho, o trabalhador não deve aceitar passivamente esta gestão equivocada. “*O ambiente de pressão e de precarização das condições de trabalho, somado à política punitiva e decidida de cima para baixo, só agrava a tensão e o número de acidentes e os afastamentos por problema de saúde envolvendo a Cemig*”, diz. O diretor lembra que as gerências argumentam que as normas são para educar, “*mas não só deseducam como agravam o quadro de insegurança. É preciso debater coletivamente as melhores medidas para garantir um ambiente de trabalho saudável, seguro e tranquilo*”, destaca.

## Tensão em todo o estado

Segundo o coordenador da Regional Mantiqueira, Eugênio Canuto de Paula, os trabalhadores estão indignados com a postura da Cemig nas inspeções de segurança. “*As ameaças de punição aumentam o nível de estresse, o medo de errar e os acidentes*”, adverte. Ele diz que a



Foto: Benedito Maia

O diretor de Saúde e Segurança do Sindieletro, Jairo Nogueira, diz que ND 4.61 é mais um equívoco da política da empresa

falta de trabalhadores especializados compromete procedimentos padrões, como a exigência de que toda dupla de eletricitistas tenha uma liderança. Pela descrição do cargo no PCR não é permitido que o eletrici-

ta nível 1 seja líder da dupla, no entanto, a Cemig atua com duplas de eletricitistas nível 1.

Na região de Itaúna os eletricitários são obrigados a trabalhar 26 dias ininterruptos para ter uma folga. “*O excesso*

*de horas é uma rotina e quando o trabalhador não está em campo é obrigado a ficar em sobreaviso, 24 horas à disposição da empresa*”, revela Celso Primo, coordenador da Regional Oeste. “*Esta política desumana joga por terra todo o discurso da diretoria da Cemig de boa convivência com a categoria. O trabalhador é obrigado a doar toda a sua vida para a empresa*”, diz.

José Renato Barbosa, coordenador da Regional Leste, revela que os eletricitistas estão fazendo uma média de 60 horas extras por mês. “*Não existe mais eletricitista de localidade e nem pessoal suficiente para a manutenção da rede. Os trabalhadores das cidades pólos fazem atendimentos nas áreas rurais muitas vezes sem saber o estado da rede e são obrigados a ficar 24 horas à disposição*”, conta. Segundo ele, para agravar ainda mais a situação, a Cemig utiliza o trabalho isolado, desrespeitando a NR 10.

## Constrangimento e ofensa moral no Norte

No Norte, a empresa afixou quadros comparativos com índices individuais de produtividade através do número de serviços executados. Segundo a assessora jurídica do Sindieletro, Rosângela Carvalho, a Cemig poderá responder uma ação de indenização por dano moral por expor o trabalhador.

Para o diretor da Regional Norte e secretário de Formação do Sindieletro, Lúcio Parrela, o objetivo da chefia é incentivar a competitividade, mas acaba criando um ambiente de desconforto e constrangimento, ao mesmo tempo que ataca diretamente a auto-estima dos trabalhadores. Para ele, a falta de pessoal e de investimento nas redes degrada as condições de trabalho, aumentando a jornada e a sobrecarga de serviços.

“*É mais uma tentativa da*

*empresa suprir suas deficiências estruturais, penalizando ainda mais os trabalhadores. Como se não bastasse o desgaste físico e psicológico já existentes, o constrangimento da divulgação do quadro de produtividade degrada ainda mais nossas relações de trabalho, com reflexos diretos nas condições de saúde e segurança*”, afirma. O diretor avalia que os eletricitários estão se tornando uma categoria adoecida. “*Chegou a hora de colocarmos um ponto final nesta triste fase na história da empresa*”, conclui.

Amédica do trabalho do Sindieletro, Ana Lúcia Murta, confirma que a medida pode criar ou agravar os quadros de depressão e instabilidade emocional. “*As pessoas não são iguais e a empresa tem que respeitar a individualidade de cada um*”, declara.

O gerente da DO/MC,

Evandro Magalhães Dantas, disse que a divulgação dos quadros de produtividade é “*uma orientação*” da própria gerência e não é uma ofensa ou constrangimento. “*São dados divulgados apenas para os eletricitistas, restrito a cada setor. Além disso, não relacionamos nomes de nenhum trabalhador*”, alegou.

Lúcio Parrela discorda da posição do gerente, uma vez que as listas foram afixadas em diversos quadros de aviso em toda a região, como foi verificado pelo sindicato em cidades como Curvelo, Montes Claros e Janaúba. Segundo ele, essas listas expõem de forma indevida os eletricitistas, pois tornam públicos nomes e índices de produtividade, com metas a serem cumpridas, o que demonstra mais uma postura equivocada da gerência regional.

**PROGRAMA SE**

## Curso de formação em saúde e segurança

Dia 17 de março de 2007 (sábado) em Divinópolis.

Aberto a todos os interessados em participar das CIPAS.

Informações e inscrições no Sindieletro, Regional Oeste, pelos telefones (37) 3222.7611 e 9197.0229

# Mulheres intensificam as lutas em todo o país

No Dia Internacional da Mulher, milhares de pessoas participaram de protestos a favor da vida e contra as políticas de guerra de Bush

Este 8 de março foi marcado por muitas lutas e protestos em todo o Brasil. Na Praça 7, no centro de Belo Horizonte, integrantes de movimentos sociais e sindicais realizaram um ato público, onde denunciaram o drama das mulheres que sofrem com a violência de seus

maridos e companheiros e o drama de tantas pessoas no mundo que sofrem com as políticas violentas do presidente dos Estados Unidos, George Bush, em visita ao país na data.

Lúcio Guterres, diretor do Sindieleiro e presidente da CUT Minas, destacou a coragem e a

garra de muitas lutadoras sociais presentes ao evento. “São trabalhadoras, sindicalistas, mulheres do campo e da cidade, de cooperativas e movimentos, e tantas outras que estão intervindo na sociedade e construindo políticas e propostas para a construção de uma realidade diferente”.

Maria da Conceição Consistência de Oliveira é uma dessas mulheres que não desanimam. Apesar de terem uma história difícil, elas batalham pela vida afora, criam família e encontram um jeito próprio de não perderem a alegria e a esperança. Ela conta que foi criada na roça, onde morou e trabalhou muito. “Levantava às 5 horas da manhã e costurava até o fim da tarde. À noite, ia lavar roupa e cuidar das crianças. Depois de 67 anos é que estou aproveitando a vida, cantando e dançando junto com o grupo Meninas de Sinhá.”

Maria tem seis filhos, 15 netos e 7 bisnetos e diz saber o significado do Dia Internacional das Mulheres. “Nós estamos aqui hoje homenageando não só aquelas mulheres que morreram na fábrica anos atrás, mas a todas as mulheres que lutam pela vida, pelos filhos e por um mundo melhor”, destaca.

Samuel da Silva, 34 anos, membro da Cáritas Jequitinhonha, diz que a data é propícia



Tio Sam e política americana foram alvo de protesto na Praça 7

para unir as lutas a favor de outro projeto de desenvolvimento para o mundo, pautado pela inclusão e justiça social. “Na verdade, todas essas lutas se ligam. Bush e as grandes empresas norte-americanas representam um modelo de injustiça e exploração que prejudica mulheres e homens no campo e nas cidades, no Brasil e em outras partes do mundo”.

Para ele, campanhas pela

redução das tarifas de energia e contra o projeto de divisão da Copasa também compõem as lutas de toda a sociedade não só no dia 8 de março. “Precisamos garantir o direito das pessoas à água e à luz, recursos fundamentais para a vida. Para isso devemos discutir o modelo energético que queremos. O atual não atende à demanda do cidadão comum, mas sim de empresários e acionistas das empresas”.

## Protestos contra Bush tomam as ruas

Em São Paulo, pelo menos 20 mil pessoas se reuniram na manifestação que tomou conta da Avenida Paulista e foi manchete em todo o mundo. Janaína Lemos, 21 anos, estudante na PUC Campinas, declarou: “A passeata resultou em confronto por culpa da polícia do governo Serra, que está despreparada e acima de tudo não quer entender a causa do povo”. Milhares de pessoas foram às ruas para protestar contra a visita de Bush em outros 16 estados brasileiros.

Movimentos sociais e entidades da sociedade civil criticaram a proposta de parceria entre os Estados Unidos e o Brasil para a produção de etanol (álcool), moti-

vo da visita de Bush ao país e defenderam um modelo de produção de biocombustíveis não apenas renovável, mas também sustentável, a partir do respeito ao meio-ambiente e às comunidades.

Temístocles Marcelos, da Comissão Nacional de Meio Ambiente da CUT, diz que o processo de plantação em monocultura utilizado no país deixou lições que não devem ser esquecidas. “A implantação no passado da produção do etanol trouxe muita devastação ambiental e social. Há ocorrência ainda hoje de trabalho infantil, forçado e escravo, indesejáveis para uma sociedade que quer se desenvolver beneficiando a maioria da população”, afirmou.

## Corajosa defesa da vida

Na manhã da quarta-feira, dia 07, cerca de 600 mulheres fecharam a entrada e paralisaram as atividades da mina Capão Xavier, pertencente a MBR (Minerações Brasileiras Reunidas), na região metropolitana de Belo Horizonte. Segunda maior produtora de minério de ferro do Brasil e uma das cinco maiores exportadoras do mundo, a MBR é controlada pela Companhia Vale do Rio Doce e por acionistas japoneses. O protesto foi direcionado não só à empresa, mas a todas as trans-

nacionais e ao sistema financeiro, que querem o controle dos recursos naturais do país às custas de uma devastação ambiental e social sem precedentes.

As mulheres destacaram que os elementos da natureza são a base da vida e não têm preço. “Em nome do desenvolvimento, do progresso e da modernidade, o capitalismo avança sobre o mundo, desrespeitando limites e leis e colocando em risco a vida de todos os seres vivos, inclusive da humanidade”, diz o manifesto das mulheres.

